

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A ideia de sistema no pensamento clássico Grego (III) [The idea of system in Classic Greek thought (III)]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

| | |
|---------------|---|
| Item Type | Article |
| Authors | de Aquino, Marcelo F. |
| Publisher | Faculdade Jesuita de Filosofia e Teologia |
| Rights | Creative Commons Copyright (CC 2.5) |
| Download date | 2026-07-09 01:24:09 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/219595 |

A IDEIA DE SISTEMA NO PENSAMENTO CLÁSSICO GREGO (III)*

The idea of system in Classic Greek thought (III)

*Marcelo F. de Aquino ***

Resumo: Esta terceira parte do artigo conclui pesquisa levada a cabo no pensamento de Lima Vaz, tendo como foco a ideia de sistema na Filosofia Clássica grega. Inicia com rápida contextualização do helenismo como quadro referencial histórico do período que vai do século IV ao século I a.C.. Passa, então, a analisar a progressiva eclosão da ideia de sistema no epicurismo e no estoicismo.

Palavras-chave: Helenismo, sistema, Epicuro, epicurismo, Zenão, estoicismo, Logos, Razão.

Abstract: Abstract: This third part of our article concludes the research on the thought of Lima Vaz by focusing on the idea of system in Classic Greek Philosophy. It begins with a brief contextualization of Hellenism as the historical reference frame for the period between the IV century and the I century B.C. Then it analyzes the progressive appearance of the idea of system in Epicureanism and Stoicism.

Keywords: Hellenism, system, Epicurus, epicureanism, Zeno, stoicism, Logos, Reason.

* Este artigo é a continuação de outros dois artigos, anteriormente publicados em Síntese, v. 39, n. 123 (2012): 31-52 e v. 39, n. 124 (2012): 195-204. Este artigo faz parte de meu Projeto de Pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNISINOS. Nele retomo textos publicados pelo Pe. Henrique de Lima Vaz, a saber: Platão Revisitado. Ética e Metafísica.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Mestrado e Doutorado) e Reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Artigo submetido a avaliação no dia 06/07/2013 e aprovado para publicação no dia 22/07/2013.

1. Visão de mundo e forma de vida nas concepções epicurista e estoica de sistema

Significativa remodelação das formas da cultura grega clássica eclodiu na orla do antigo ecúmeno mediterrâneo, entre fins do século IV e começos do século I a.C., resultante de profundas transformações sociais, econômicas, políticas e religiosas. Este novo contexto histórico-cultural do mundo antigo, a partir do século XIX d.C., passou a ser chamado de *helenismo*¹. Na época helenista, por um lado, o grande tronco platônico-aristotélico² de modelo de vida filosófica e de ensinamento doutrinal, inspirado sob o signo de Sócrates, continuou vicejando, nas atividades da Primeira Academia e do Liceu. Por outro lado, o paradigma da *cultura* intelectual superior e a respectiva formação de um *tipo ideal de humanidade* vieram se acrescentar aos paradigmas culturais da instituição escolar, já presentes na Grécia clássica, e da organização metódica da pesquisa em nível superior, posteriormente presente na Academia platônica e no Liceu aristotélico. A civilização helenística é, por assim dizer, o berço da ideia de *humanismo*, tal como foi transmitida pela cultura clássica.

Os quadros institucionais de vida da Grécia clássica – a *pólis* como espaço envolvente e absorvente da personalidade do cidadão e de sua atividade política, social e cultural – passaram por longo processo de exaustão his-

nas origens platônicas. *Síntese Nova Fase 61* (1993), 181-197 (= PR); *Ética e Razão moderna, Síntese Nova Fase 68* (1995), 53-85 (= ER); *Escritos de Filosofia II – Ética e Cultura*. São Paulo, Loyola, 1988 (=EC); *Escritos de Filosofia III – Filosofia e Cultura*. São Paulo, Loyola, 1997, 3-99 (=FC); *Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo, Loyola, 1999, 85-162 (EF1); *Escritos de Filosofia V – Introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo, Loyola, 2000, 11-22 (EF2); *Escritos de Filosofia VII – Raízes da modernidade*. São Paulo, Loyola, 2002 (RM). *Ética e Direito*. São Paulo, Landy e Loyola, 2002 (ED). Usei abundantemente o *Relatório de Pesquisa* (CNPq – Processo 301665/87 – 7) – A construção hegeliana: um paradigma da racionalidade sistêmica, manuscrito inédito que me foi disponibilizado pelo colega Rubens Godoy Sampaio a quem agradeço o acesso por meio digital do espólio não editado do Pe. Vaz. Tomei conscientemente a decisão de usar as fontes vazianas de maneira heterodoxa, segundo o cânone vigente, pois o excessivo uso do aparato crítico no corpo do artigo quebraria a fluidez da argumentação. Carlos Alberto Gianotti corrigiu o português e Marlise Horn da Silva formatou o texto. Obrigado a ambos.

¹ O termo *helenismo* foi criado em meados do século XIX pelo historiador alemão J.G. Droysen para designar o imenso processo de difusão e implantação da cultura grega que acompanhou os passos vitoriosos de Alexandre e a política de seus sucessores nas terras do antigo império persa, que iam do Egito ao norte da Índia. A partir do seu centro irradiador, a Grécia, o helenismo atingiu sobretudo o espaço mediterrâneo, no qual o grego se tornou a *koiné*, ou língua comum, e penetrou profundamente a cultura latina do novo poder hegemônico, Roma. Ver MOREAU, J., *Stoïcisme – Épicurisme – Tradition hellénique*. Paris: Vrin, 1979.

² Cabe lembrar que a estrutura conceptual da ideia de sistema e a organização didática da Filosofia na forma de um sistema, em sentido análogo ao que será o sistema na filosofia moderna, não foram plenamente expostas por Platão e Aristóteles.

tórica, ao cabo do qual sobreviveram com feição inteiramente nova. O indivíduo helenístico como resíduo desse processo histórico-cultural surge como novo ator social que assume o protagonismo na construção do espaço protetor das vicissitudes da sua existência. O desaparecimento desse espaço protetor oferecido pela *pólis* tornou mais agudo para esse indivíduo o problema do destino³ que se erguia impenetrável, fatal em seus decretos, implacável em sua dura necessidade e imprevisível em seu curso. Sua individualidade se afirma, precisamente, no cumprimento dessa tarefa. Os traços da ideia de pessoa humana começam a delinear-se no cumprimento dessa tarefa eminentemente personalizante, por parte do indivíduo, o que supõe uma opção pessoal na escolha de uma forma própria de vida. A maturação progressiva da ideia de sistema surgida no helenismo corre paralela ao início da preparação do terreno teórico para a posterior eclosão do conceito de pessoa no seio das discussões teológicas do cristianismo.

O caminho para a autorrealização do indivíduo resultará da aproximação entre *bíos theoretikós* (escola e vida de estudos) e *paidéia*. A Filosofia, na escolha dos caminhos da cultura, apresenta-se como o roteiro mais adequado para conduzir o indivíduo à plena posse de si mesmo, à sabedoria e à independência em face do obscuro destino. A *eudaimonía* mostra-se aos filósofos como sendo o motivo maior que leva os homens a se dedicar à Filosofia. As escolas de Atenas, a platônica, a aristotélica, a epicurista e a estoica, nesse novo quadro cultural do ecúmeno mediterrâneo, servem de modelo e de inspiração irradiadora para a Filosofia e para a organização de seu estudo.

Admite-se hoje que o estudo e o ensino da Filosofia foram divididos em *Lógica, Física e Ética* no seio da Primeira Academia. A unidade e a coerência do corpo doutrinal da Filosofia, que lhe permitem responder não apenas teoricamente, mas existencialmente às interrogações postas ao indivíduo diante da tarefa da sua autorrealização, na época helenista, passam a se firmar pela estreita relação entre aquelas três partes, estabelecida de forma diversa justamente segundo os sistemas.

A escola epicurista, conhecida como *Kepos* (Jardim)⁴, e a escola estoica, conhecida como *Stoà poikíle* (Pórtico pintado)⁵, surgem nos fins do século IV a.C. para atender à necessidade cultural de uma Filosofia que fosse ao mesmo tempo *visão do mundo e forma de vida*. Ambas, juntamente com

³ Ver MAGRIS, A., *Destino, providenza, predestinazione. Dal mondo antico al cristianesimo*. Brescia: Morcelliana, 2008 (Obra em fase de tradução pela Editora Unisinos).

⁴ O Jardim adornava a pequena casa na qual Epicuro viveu em companhia de seus alunos e que se situava no mesmo quarteirão suburbano da casa de Platão.

⁵ O Pórtico era pintado com afrescos de Polignoto e se situava no lado setentrional da *Agorá*, a grande praça aos pés da Acrópole.

tantas outras que se reconhecem no legado socrático⁶, são, no plano simbólico, a resposta da Grécia à perda da independência e da importância política da *pólis*. Epicurismo e estoicismo participam do mesmo espírito do tempo, tanto no plano da vida concreta, como no plano da expressão intelectual, ou seja, filosófica, da herança platônica e aristotélica. No primeiro caso, trata-se da obtenção da verdadeira *eudaimonía* por obra do indivíduo e como sua mais alta realização. No segundo caso, é a aceitação da divisão tricotômica da pragmática filosófica em Lógica, Física e Ética, já vigente na Academia.

Epicurismo e estoicismo têm em comum o traço inconfundível da solução dada por cada um ao problema do *destino*. O impenetrável destino, fatal em seus *heimarmene* (decretos), implacável em sua dura *ananke* (necessidade) e imprevisível em sua *tyche* (curso) erguia-se como nova e temível divindade ante o indivíduo da era helenística, desamparado pela perda de credibilidade das crenças tradicionais. Cabe lembrar que Platão e Aristóteles transpuseram o problema do destino da tradição do mito grego e do ciclo literário da tragédia para o plano de uma filosofia da liberdade. Esse tema, uma vez desaparecido o horizonte de segurança oferecido pelo espaço da *pólis*, tornou-se uma questão existencial que reclamava solução imediata e eficaz pelo indivíduo dos tempos helenísticos.

A previsão e a conjuração do destino desencadearam, nessa época, o florescimento de numerosas modalidades de interpretação de sinais de toda espécie, tais como astrologia e ocultismo entre outras. Igualmente, essas mesmas necessidades espirituais pediram formas de atendimento e esse atendimento se deu por meio da vasta onda de religiosidade vinda do Oriente Médio que se espalhava pela orla mediterrânea e se manifestava em numerosos cultos que ofereciam refúgio ao sentimento religioso ante o declínio das religiões tradicionais da *pólis*.

2. A concepção de sistema no epicurismo

A formação de Epicuro⁷ se desenrolou à luz de seu encontro precoce, por intermédio de Nausífanos, com o atomismo democrítico e com o materialismo dele decorrente. É provável que em seus anos de formação, em Atenas, ele se tenha confrontado com escritos exotéricos aristotélicos, de feição

⁶ Aqui cabe diferenciar o *socratismo maior* presente na Academia e no Liceu do *socratismo menor* presente em várias outras escolas cujas atividades se desenrolam sob o signo de Sócrates. O *ceticismo* de Pirro de Elis (entre 365 e 270 a.C.) distingue-se da inspiração socrática, pela sua originalidade e pela influência exercida por seus discípulos Nausífanos, Timon de Fliunte, e os acadêmicos Arcesilau e Carnéades.

⁷ Epicuro (341-270 a.C.) nasceu em Samos de família ateniense. Recebeu sua formação como efebo em Atenas, tendo ensinado em Mitilene e Lâmpsaco. Foi iniciado na Filosofia por Nausífanos, seguidor de Demócrito. Fundou sua escola em Atenas em 307/306 a.C.

platonizante. Ele tece uma crítica sem atenuantes à doutrina de Platão do suprassensível ou inteligível como transcendente ontologicamente ao sensível, da qual a doutrina de Aristóteles seria apenas outra versão. O conceito de *physis* sensível como toda a realidade não é apenas o fundamento, mas é, igualmente, o conceito-guia de todo o corpo doutrinal ensinado no *Jardim*. Coerência e consequência caracterizam o naturalismo epicurista. No primeiro caso, porque os problemas lógicos, cosmológicos e éticos se resolvem à luz do conceito de natureza. No segundo caso, na medida em que tudo o que não é explicável pelo conceito de natureza é rejeitado como erro ou ilusão.

Epicuro organiza a fecundidade heurística do conceito de natureza sensível graças à divisão escolar da Filosofia em *Canônica*, *Física* e *Ética*. Explica por esta ideia germinal de sistema as formas do conhecimento e seu uso correto, a estrutura do universo e o sentido verdadeiro da busca humana da *eudaimonía* e os meios e modos para alcançá-la e vivê-la.

A *Lógica* exposta por Aristóteles no *Órganon* não tem relevância no sistema de Epicuro. Sua *Canônica*⁸ é uma espécie de criterologia muito simples que expõe sua teoria do conhecimento. Exerce no sistema uma simples função propedêutica ou crítica. Tem por finalidade explicar que o ser humano, fazendo parte da *physis* e, portanto, nela totalmente integrado, possui atividade cognoscitiva estritamente dentro dos limites, condições e âmbito determinados por essa. Repousa em três elementos ou formas de conhecimento. As *aistheseis* (sensações) são sempre absolutas e verdadeiras. As *prolepseis* (antecipações) são representações mentais das coisas, resultantes do fluxo de sensações ou imagens que delas provêm e que chegam até nós por meio das *eidola* (simulacros). Os *pathe*, sentimentos fundamentais de prazer e dor, são para o ser humano o critério para distinguir o bem e o mal. O conhecimento avança para além da *enargeia* (evidência imediata) que acompanha estas três formas elementares de conhecimento, até as *doxai* ou *hypolepseis* (opiniões), que podem ser verdadeiras ou falsas, segundo critérios bem definidos.

O *Peri Physeos*, segunda parte do sistema, por um lado fundamenta a teoria materialista do conhecimento exposta na *Canônica*, e por outro justifica

Diógenes Laércio no século II a.C. transmitiu a lista de sua obra e de seus dados biográficos. Tito Lucrécio Caro (99.54 a. C.) em seu poema *De rerum natura* expôs de maneira bastante completa o pensamento de Epicuro. Ver EPICURE, *Lettres et Maximes*. Paris: PUF, 1987; *Idem*, *Opere*. Isnardi Parente, M. (a cura di) Torino: UTET, 1974. Cfr. a excelente *Introduzione* pp. 9-77.

⁸ O termo *Canônica* vem de *kanon* (regra), obra hoje totalmente perdida, mas que consta na lista de Diógenes Laércio sob o título *Cânon* ou *Do Critério*. O que hoje se sabe da *Canônica* provém da doxografia de Diógenes Laércio e Sexto Empírico e de indicações contidas nas Máximas e Cartas, bem como em outros fragmentos.

racionalmente a Ética. Os termos do materialismo democrítico⁹ definem a *physis* epicuriana¹⁰. A concepção epicuriana de *tó pân* (o todo) articula-se mediante três categorias fundamentais¹¹ de clara procedência democrítica. *Hoi atomoi* (os átomos) são os corpos mínimos indivisíveis. *Tó kenon* (o vazio) é o receptáculo dos átomos e espaço do seu movimento. *Tò àpeiron* (o infinito) é a condição para o movimento eterno e incessante dos átomos. Epicuro edifica sua Física segundo um paradigma materialista graças às condições necessárias e suficientes destas três categorias. O significado filosófico da atomística epicuriana não lhe vem da eventual componente lógica como superação do dilema absoluto entre ser e nada, mas da orientação da Física em oferecer a fundamentação cosmológica da Ética.

A explicação do *movimento* a partir da estrutura dos *átomos* e do *vazio* constitui a tarefa mais importante da Física. Essa explicação compreende a totalidade da *physis*, nela incluindo-se o ser humano, sua *psyché*, suas funções, atividades, tendências e fins¹². A existência dos deuses, dado o cunho materialista da Física epicuriana, deveria ser logicamente negada. Epicuro, contudo, integra-a no movimento universal dos átomos e em sua agregação em corpos. Assim, pode-se falar da *Teologia* de Epicuro, que desempenha importante papel na constituição da Ética. O movimento retilíneo uniformemente variado no sentido vertical alto-baixo é o movimento elementar dos átomos a partir do qual o cosmos apresenta duas características fundamentais. O *espaço* anisotrópico infinito no qual os átomos caem eternamente define exclusivamente o cosmos. O *peso* impele os átomos em sua queda segundo o sentido privilegiado alto-baixo.

Epicuro representa o universo mediante estrutura geocêntrica de proveniência aristotélica. Ele também representa o universo mediante estrutura antropocêntrica, pois a partir da posição ereta do observador a direção privilegiada do universo é percebida e a eterna queda perpendicular dos átomos no espaço infinito é postulada. Para explicar a agregação dos átomos na variedade dos corpos e evitar o rígido determinismo democrítico, incompatível com a liberdade humana, a partir dessa concepção do movimento dos átomos, Epicuro introduz um coeficiente de espontaneidade no

⁹ O materialismo democrítico, segundo os testemunhos de Sexto Empírico (*Opere*, Isnardi Parente M. pp. 258-259), foi assim resumido por Epicuro: “A natureza do todo consta de corpos e do vazio”.

¹⁰ O acesso à Física de Epicuro hoje é possível mediante uma série de documentos. Isnardi Parente em sua edição de Epicuro, *Opere*, nas pp. 147-170 refere a Carta a Heródoto, e nas pp. 214-257 longos fragmentos de diversos livros de sua obra principal *Sobre a Natureza* reconstituídos a partir dos Papiros de Herculano. Além do poema de Lucrecio, *De rerum natura*.

¹¹ Ver os testemunhos de Sexto Empírico em *Opere*, Isnardi Parente, pp. 258-259.

¹² Cfr. ISNARDI PARENTE, M., pp. 162-166; a *Heródoto*, pp. 63-68. A existência dos deuses, que deveria ser logicamente negada por Epicuro a partir de sua física materialista.

movimento dos átomos que se traduz numa *clínamen*¹³ (declinação) mínima na direção vertical de seu movimento e permite seu entrechoque, do qual resultam a formação dos corpos e a possibilidade do movimento livre da vontade humana. Epicuro admite no movimento da vontade humana uma espontaneidade análoga à que se verifica no movimento vertical dos átomos. Essa introdução da espontaneidade num cosmos regido em princípio pela necessidade acaba por submeter o universo epicuriano ao acaso. Posteriormente, Lucrécio invocará a doutrina da *clínamen* para explicar o livre-arbítrio.

A *Física*, no sistema epicuriano, tem por tarefa eliminar o *temor aos deuses e dos fenômenos celestes* e o *temor da morte*, cujas origens situam-se para além dos limites até onde alcança a *práxis* humana. Temor dos deuses e temor da morte são as causas que estão na origem da crença no destino com suas inquietações e temores. Epicuro propõe solução *aitiológica* ao problema do destino, que consiste precisamente em identificar e eliminar suas causas. A instituição do *Jardim* teve como alvo, justamente, oferecer o espaço humano onde a *ataraxia* (imperturbabilidade) da alma e a *aponia* (repouso) do corpo, primeiras condições para a prática da *areté* e a posse da *eudaimonía* pudessem ser alcançadas. A *Física* fundamenta a *Ética*¹⁴ epicurista. A concepção materialista vem em socorro da *Ética* da *ataraxia*. Mostra a vacuidade desses temores, com o que se dissipa o fantasma do destino. Orienta-se no sentido de tornar irrefutáveis, segundo os critérios da razão, as proposições éticas. Rígido dogmatismo, decorrente da autoridade do Mestre¹⁵ que tinha a última e definitiva palavra nas discussões, caracteriza a *Ética*, talvez mais que as outras partes do sistema epicurista.

A *Ética* epicuriana dá continuidade ao legado socrático. Estrutura-se segundo paradigma eudaimonista e teleológico. Permanece fiel ao primeiro axioma ético – “o bem deve ser feito e o mal evitado” – decorrente da primazia do bem como primeiro pressuposto da *Ética*. A definição e a obtenção da verdadeira *eudaimonía* são seu alvo. A introdução do coeficiente de espontaneidade no movimento da vontade que o define como movimento livre resolve a aparente contradição entre a estrutura teleológica da *Ética* e o mecanicismo atomista da *Física*. *Como ser feliz* é o único problema digno da atenção do ser humano enquanto é capaz de ser feliz. Cabe à *Ética* resolvê-lo.

¹³ Esta célebre doutrina está apenas implícita nos textos de Epicuro. É testemunhada claramente pela doxografia posterior sobretudo no *De rerum natura* de Lucrécio (II, 216-293) e no *De fato* de M.T. Cícero (X, 23).

¹⁴ As principais fontes para o conhecimento da *Ética* de Epicuro são a Carta a Meneceu e as Sentenças capitais. Ver ISNARDI PARENTE, M. pp. 187-206.

¹⁵ Isso explica o fato de o Epicurismo não ter conhecido escolas opostas na interpretação da doutrina do Mestre, após a morte de Epicuro, permanecendo inalterado ao longo de toda evolução da *Ética* antiga.

Quatro proposições conhecidas como *tetrapharmakon*¹⁶ (quatro remédios) são enunciadas por Epicuro como pressuposição absoluta para a solução do bem como *fim* da vida humana e da virtude como *vida no bem* como verdadeira *eudaimonia*. A determinação epicuriana do que é o bem procede na forma de uma dialética negativa. O bem estará necessariamente presente quando o seu oposto, o mal, for efetivamente negado. O mal, para o ser humano, é a *dor*, qualquer que seja sua forma. O oposto da dor é o *prazer* e a dor se retira quando o prazer se faz presente. Logo o prazer é o bem.

Essa dialética epicuriana fundamenta-se imediatamente em sua Física, já que *dor* e *prazer*, estados primitivos em que o ser humano pode se encontrar, procedem originariamente das *pathe* (afecções) nele produzidas pelo fluxo dos simulacros atômicos. Embora não se possa identificar imediatamente *dor* e *prazer* com o *pathos*, pois em sua vivência intervém igualmente a *logismòs diánoia* (parte racional da alma), a alma, por sua vez, é parte integrante da *physis*, o que submete todas as formas de *dor* e *prazer* ao domínio da natureza, seja em sua fisiologia seja em suas interpretações antropológica e ética.

A Ética de Epicuro, do ponto de vista do sistema, é uma resposta ao fato primitivo da *dor*, primeiro e único obstáculo que se ergue no caminho da *eudaimonia*. O *prazer* é a única supressão radical da *dor*, sendo assim o princípio e o fim da vida na *eudaimonia*¹⁷. Esta doutrina epicuriana permanece fiel à tradição platônica e aristotélica de colocar o *métron* (medida) e a *metriké* (arte de medir) no centro da doutrina da *práxis* ética. A sábia medida do prazer é o objeto principal da teoria epicuriana das virtudes. Epicuro faz da *phrónesis* em sua acepção aristotélica a primeira das virtudes¹⁸. Isso confere a sua Ética um timbre claramente clássico, que a distingue de qualquer forma de hedonismo vulgar. A *kalòs zen* (honestidade) e a *dikaiòs zen* (justiça) delineiam o perfil da vida na *eudaimonia* em torno da *phronesis*¹⁹.

¹⁶ Ver *Sentenças capitais* II-V: “1. A morte nada é para nós; o que se dissolve não sente mais e o que não sente não é nada para nós; 2. O limite da grandeza dos prazeres é a supressão de toda dor; onde está presente o prazer e por todo o tempo em que estiver presente, não há dor nem tristeza nem ambos. 3. A dor não dura continuamente na carne, mas a dor extrema não está presente senão pelo menor tempo possível; a que excede de pouco o prazer do corpo não dura muitos dias e as longas enfermidades são acompanhadas de mais prazer corporal do que de dor. 4. Não se pode viver com prazer sem viver com prudência, honestidade e justiça, nem viver com prudência, honestidade e justiça sem viver com prazer; e a quem faltam <as condições> para viver com prudência, honestidade e justiça, este não pode viver com prazer”.

¹⁷ Cfr. *A Meneceu*, 128-129, in: Isnardi Parente, M., pp. 190-191.

¹⁸ Cfr. *A Meneceu*, 132, in: Isnardi Parente, M. pp. 192-193: “O maior dos bens e o princípio de tudo isto <do sóbrio raciocínio que investiga as causas de todo ato de escolha e recusa e expulsa as opiniões falsas> é a prudência”.

¹⁹ Cfr. *Sentenças capitais* V, in: ISNARDI PARENTE, M., pg. 196.

A criação de espaço humano neutralizador das condições desfavoráveis para a busca da *eudaimonía* impostas pela vida social e política foi importante objetivo da Ética praticada e ensinada por Epicuro. O *Jardim* foi a alternativa epicuriana à *polis*, ao Estado e à vida política em geral. O preceito *lathe biôsas* (vive escondido) é como o antídoto para a sedução da vida política. Expressa o apolitismo da Ética epicuriana, que situava a convivência humana ideal na *philia* (amizade), bem maior portador da maior felicidade que a sabedoria pode proporcionar²⁰. A ideia de sistema em Epicuro, contudo, abriga uma teoria da justiça e do direito, bem como da origem da sociedade pelo pacto de não agressão²¹.

3. A plena eclosão da ideia de sistema no estoicismo

Zenão²² de Cítio, um semita de origem fenícia, fundou a *Stoa*²³ logo depois da fundação do *Kepon* por Epicuro. Cleanto de Assos e Crisipo de Solis, seus sucessores, contribuíram decisivamente para seu desenvolvimento doutrinal e para a difusão da escola²⁴. Crisipo foi mesmo denominado o segundo fundador do *Pórtico*. As categorias fundamentais do estoicismo²⁵, apesar da presença de traços semíticos, são genuinamente gregas. O estoicismo afirmará sua originalidade ante outras escolas a partir de complexa rede de influências: Polemon da Primeira Academia, o cínico Crates, o megárico Estilpon que provavelmente inspirou a Lógica estoica, e a polêmica com o nascente epicurismo. Zenão recebeu da Academia a divisão da Filosofia em Lógica, Física e Ética, fato que mostra o espírito do tempo em sua tendência de organizar sistematicamente o saber filosófico, que se

²⁰ Cfr. Máximas *capitais* XXVII, in: ISNARDI PARENTE, M., pg. 201-203.

²¹ Cfr. Máximas *capitais* XXXI-XL, in: ISNARDI PARENTE, M., pg. 201-203.

²² Zenão era filho de um comerciante de púrpura, originário de Cítio, na ilha de Chipre, território grego, com expressiva população fenícia. Mudou-se para Atenas com cerca de 22 anos. Na condição de *meteco* não gozava dos direitos de cidadania ateniense, não podendo adquirir um terreno no território de Atenas. Isso o levou a começar a ensinar junto à porta da cidade denominada *stoa poikile* (porta decorada com pinturas), donde o nome *stoikoi* (os da porta).

²³ Ver ISNARDI PARENTE, M., *Introduzione allo stoicismo ellenistico*. Roma/Bari: Laterza, 1993. *Idem*, *Stoici Antichi*. Torino: UTET, 1989, 2 v., Cfr. *A Introduzione*, pp. 9-74. ROMEYER, G. (Dir.) e GOURINAT, J.B. (Ed.). *Les Stoiciens*. Paris: Vrin, 2005. RADICE, R. "*Oikeiosis*". *Ricerche sul fondamento del pensiero stoico e sulla sua genesi*. Milano: Vita e Pensiero, 2000.

²⁴ Ver ARNIM, J.v. (Ed.), *Stoicorum veterum fragmenta*, 3 v.; Adler, M. V. 4. Leipzig: Teubner, 1903-1923. Os fragmentos de Zenão e Cleanto encontram-se no primeiro volume e os de Crisipo nos volumes segundo e terceiro.

²⁵ A historiografia usual costuma distinguir três épocas na história do estoicismo na Antiguidade: o estoicismo *antigo* (sécs. III-II a.C.), o estoicismo *médio* (séc. I a.C.) e o estoicismo *tardio* (sécs. I-III d.C.).

apresentava como necessidade didática na prática das escolas. O sistema estoico deixará na história do pensamento uma imagem de coerência e beleza.

O termo *sistema*²⁶ apoia-se sobre a opção teórica de um racionalismo radical que, paradoxalmente, é afirmado juntamente com o mais estrito materialismo. Com efeito, tanto Zenão como o estoicismo antigo rejeitam a existência e a transcendência das ideias e a espiritualidade e imortalidade da alma. Crisipo o usou com o sentido do Todo bem organizado e referido à totalidade do mundo. O sistema recebe unidade, coerência e consistência da doutrina do *Lógos* imanente ao universo e artífice de sua unidade. Os estoicos foram os que mais aprofundaram a necessidade de articular de modo orgânico as partes do *Lógos* (discurso) filosófico, nele vendo espelhada a unidade do *Lógos* universal em sua claridade sem sombras.

O *Lógos* ou Razão universal, idêntico à *prónoia* (providência), é a própria *Physis* dotada das propriedades que Heráclito atribuíra ao fogo, artífice e plasmador de todos os seres. Tanto ele quanto suas obras são de natureza material. Sua onipresença e onímoda atividade impõem rígido determinismo racional ao curso do universo, fortemente crítico ao espontaneísmo epicurista do livre-arbítrio. A conciliação de determinismo e liberdade foi um dos grandes problemas do estoicismo²⁷. À aceitação fatalista do destino com sua face de obscuro enigma, o estoicismo aceita seguir com serenidade e mesmo com íntima alegria o luminoso caminho da Razão universal. Em virtude de seu postulado materialista básico, o estoicismo atribui natureza material ao *Lógos*, conquanto extremamente sutil comparável ao fogo de Heráclito, o que explica os atributos conferidos ao *Lógos* que tudo cria, tudo penetra, tudo rege. O *conhecimento* e a *linguagem*, a *natureza*, a *vida* são as três manifestações fundamentais da presença do *Lógos* no ser humano. Dessas seguem-se a Lógica, a Física e a Ética que configuram a tripartição do saber filosófico, que é saber do *Lógos*.

Zenão e, sobretudo, Crisipo, ao contrário de Epicuro²⁸, deram grande importância à Lógica²⁹, que compreende a Dialética e a Retórica. Desenvolveram

²⁶ V. Goldschmidt afirma em seu livro *Le système stoïcien et l'idée d temps*. Paris: Vrin, 1953, que os estoicos foram os primeiros a empregar a palavra sistema no sentido objetivo de sistema do mundo. Ver pg. 61.

²⁷ Cfr. MAGRIS, A. *op. cit.*, pp. 208-237.

²⁸ Como se sabe, Epicuro reduziu a Lógica a simples e elementar gnosiologia e criteriologia, desprezando a dialética.

²⁹ A lógica estoica durante muitos séculos foi relegada a segundo plano. Sua originalidade permaneceu obscurecida pela preponderância incontestada da lógica aristotélica, considerada por Kant um *opus absolutum*, ao qual nada se poderia acrescentar. Seguindo os estudos pioneiros de Jan Lukasiewicz, os lógicos contemporâneos redescobriram e reavaliaram a lógica estoica, mostrando sua originalidade diante da lógica aristotélica, sobretudo no que diz respeito à teoria do silogismo e à teoria da demonstração, e sua aproximação com a lógica contemporânea.

amplamente suas concepções nesse campo, enriquecendo-as com avançada teoria da linguagem. Uma *gnosilogia* de caráter *sensista*, com suas inevitáveis implicações nominalistas, é o pressuposto que o materialismo do sistema exige da Lógica estoica. As dificuldades do estoicismo no que diz respeito às relações entre o *lógico* e o *real* tem sua origem neste pressuposto gnosiológico. *Aisthesis* (sensação) e *phantasia* (representação) são os dois atos que dão origem ao processo de conhecimento. O primeiro é receptivo e o segundo é ativo. Este último, na medida em que é uma representação *kataleptike* (compreensiva) resultante da *synkatathesis* (assentimento) ao *Lógos* recebido na sensação e expresso na representação, é o portador da verdade e seu critério. *Linguagem* e *pensamento* são duas formas fundamentais de expressão da representação cataléptica do *Lógos* em nós. A grande importância dada pelos estoicos ao estudo da linguagem e ao cultivo da Retórica explica-se pela equivalência entre linguagem e pensamento como presença do mesmo *Lógos*.

A Lógica se desenvolve no campo do conhecimento intelectual. A *ennoia* (intelecção), passagem da *aisthesis* e da *phantasia* à *nóesis*, é um dos seus problemas fundamentais. Tal passagem se opera ou imediatamente por *periptósis* (contato envolvente) da intelecção com a sensação que traz em si mesmo a sua *enargeia* (evidência), ou mediatamente, por inferência a partir dos conceitos evidentes. Os conceitos que se formam naturalmente são denominados *prolepseis* (antecipações) ou *koinai ennoiai* (noções comuns), a saber, aquelas que são comuns a todos os seres humanos. O postulado *sensista* vedava aos estoicos admitir a imaterialidade dos conceitos. Esse problema foi um dos que deram origem à célebre teoria dos *asômata* (incorpóreos), no caso algo intermediário entre as coisas, objeto de significação, e as *phonai* (vozes) que as significam, ou seja, *to semainomenon* (significado das coisas), ou conteúdo da significação e do pensamento, que não é evidentemente material, nem é, por exclusão, espiritual, sendo apenas *to lepton* (o que é dito) das coisas. Esse gênero dos *asômata* reaparecerá na Física, abrangendo o tempo, o lugar e o infinito. Como *lekta*, os *asômata* incluem igualmente *ta kategoremata* (os predicados) de um corpo sobre outro corpo.

A Dialética é a parte mais importante da Lógica estoica. Manifesta a presença do *Lógos* no pensamento e na linguagem, i. é, no próprio núcleo do agir humano. Por isso mesmo, é a parte da Lógica que se articula mais diretamente com a Ética. Em face da Lógica aristotélica que enfatiza os *termos* que exprimem as *essências* segundo a relação de *sujeito* e *predicado* tal como em Aristóteles, a Dialética estoica afirma-se de maneira original pela ênfase posta na *proposição* que se refere aos *acontecimentos* singulares. Essa originalidade deve-se ao nominalismo e conseqüente rejeição da concepção aristotélica das essências universais inerente ao *sensismo* gnosiológico dos estoicos. Os *verbos*, designando eventos, substituem os *nomes* como predicados das proposições.

A peculiar teoria estoica do *juízo* procede da substituição dos *nomes* pelos verbos designando eventos, como predicados das proposições. Segundo ela, o *verdadeiro* que é incorpóreo, ou seja, o juízo como *lékton* (exprimível) distingue-se da *verdade* que é a coisa significada pelo juízo e, por conseguinte, corpórea segundo o postulado materialista. A Dialética ocupa-se sobretudo dos juízos *hipotéticos* e *disjuntivos* e respectivos silogismos. Crísipo distinguiu cinco silogismos anapodíticos, ou seja, imediatamente evidentes. Os discípulos dos fundadores do estoicismo não continuaram atribuindo a mesma importância ao *lógico* como expressão do *Lógos* universal no pensamento e, na linguagem, vindo a concentrar-se no conhecimento *intuitivo* que assegura o contato imediato com a realidade.

O *Lógos* universal está presente e primeiramente imanente na *physis* ou no *kosmos*. A *Lógica* e a *Ética* recebem dele sua estrutura racional e podem articular-se a ele na forma orgânica e perfeita do sistema. Na concepção estoica, o sistema se sustenta sobre a *Física* como doutrina que estuda a *physis*. A identidade ontológica de todos os seres, *krasis di'olôn* (mesclados mediante o *Todo*) na unidade do mesmo *Lógos* ou da *Physis* universal é a tópica que melhor configura significação sistemática à *Física* estoica e lhe confere dimensão teológica na forma de monismo panteísta.

Esse monismo rege todo o desenvolvimento da doutrina física. Dele procedem a concepção de Deus e do divino – como *pyr technikon* (fogo artífice) e *pneuma* (espírito) ou sopro universal; a teoria das *categorias* do real – reduzidas a duas, *substância* e *qualidade*; a dos *modos* – também dois, *pôs* (absoluto) e *pro ti pôs* (relativo), a ordem e a perfeição do Universo e a harmonia dos seus ciclos; e, finalmente, a concepção da *pronoia* (providência) e da *heimarmene* (destino), em cujo contexto coloca-se o problema da necessidade racional e da liberdade moral que acompanha toda a história do estoicismo.

Os modos com que a *Physis*, ou seja, o *Lógos* ou a *Razão*, se manifesta originariamente no ser humano é o ponto de partida da *estrutura formal* da *Ética* estoica³⁰. Essa se manifesta desde o início nas tendências à *autoconservação* e à *apropriação* (*oikeiosis*³¹) do próprio ser que caracterizam a incipiente atividade do recém-nascido. O epicurismo, ao contrário, descobria nessas tendências a busca do *prazer* e a fuga da *dor*. A diferença entre epicuristas e estoicos torna-se mais explícita mediante esse argumento da *oikeiosis*, ou argumento *dos berços*.

³⁰ No estoicismo da época imperial, a *Ética* já terá se desprendido do tronco do sistema. Contudo suas raízes profundas continuarão na *Física* da qual seus princípios e preceitos receberão significação última.

³¹ *Oikeiosis* é um termo formado a partir do adjetivo *oikeios*, de *oikos* (casa), ou seja, o que é familiar e doméstico. Significa a conciliação consigo mesmo, a apropriação do próprio ser.

A *oikeiosis*, segundo o estoicismo, é propriedade comum a todos os seres vivos, pois todos aspiram serem eles mesmos. Procede necessariamente da *synaisthesis* (autoconsciência sensível) que acompanha a percepção e alimenta a tendência primitiva à autoconservação. A *oikeiosis* deve realizar-se no homem dotado de razão pela apropriação do próprio ser racional, sendo esta a tarefa primordial da Ética. A discriminação entre *bens* – os seres que contribuem para a *oikeiosis* humana –, *males* – os que se lhe opõem –, e os *indiferentes*, é o primeiro problema que se propõe à Ética.

Essa primeira discriminação ou tripartição dos seres do ponto de vista ético deve ser ulteriormente determinada, pois é necessário reconhecer uma hierarquia de bens e uma diversidade entre os indiferentes. Os *bens* mais altos e verdadeiramente tais são os que atendem às exigências da razão; aqueles que estabelecem o acordo entre a ação ética e o *homologoumenôs tê physei zen* (Lógos universal). Os *males* são tudo aquilo que se opõe a esse acordo. Os *indiferentes*, mesmo que se apresentem como tais, diferenciam-se no sentido de que alguns são dotados de *axia* (valor) que os tornam *proegmena* (preferíveis), outros são *apaxia* (carecem de valor) e são *apoproegmena* (não preferíveis).

Se o *bem* é viver segundo a razão, só a *areté* é o *bem*, pois só a vida segundo a razão é virtuosa, sendo a plena realização da perfeição humana. Estabelece-se uma exata correspondência entre *bem* = *razão* = *virtude* = *vida ética*. Finalmente, sendo a razão expressão da *physis* ou natureza como Lógos universal, a vida ética ou vida virtuosa é a vida segundo a natureza. Essa é para o ser humano o bem por excelência. Nele reside a perfeita *eudaimonia*, que é *autarkés* (a si mesma se basta) e cuja posse eleva o sábio à condição divina. No sistema estoico, o bem se circunscreve ao domínio estritamente ético e, como tal, é o que contém inteiramente em si sua razão de ser.

O conceito de *areté* como perfeita realização do bem no agente ético é o ponto de partida do *conteúdo* ou *matéria* da Ética estoica. Mesmo acentuando a identidade entre o sábio e o virtuoso, essa permanece fiel ao cognitivismo socrático. A *areté*, sendo uma como único bem, é igualmente múltipla segundo a multiplicidade de modos com que o virtuoso realiza o bem. Essa tese defendida por Crisipo e secundada pela linha ortodoxa da escola estoica rejeita a tese da absoluta unidade da virtude defendida por Ariston de Quios, que distinguia rigidamente entre bens, males e indiferentes.

As quatro virtudes cardeais ou *primárias* – sabedoria, fortaleza, temperança, justiça – transmitidas a Platão pelo cognitivismo ético socrático estão na base do organismo das virtudes. Complexo corpo de virtudes *secundárias*³² edifica-se sobre essas quatro. Todas se unem na característica fundamental de *virtudes-ciência* que se diferenciam segundo o objeto da virtude. Por

³² As virtudes secundárias foram catalogadas num testemunho de Estobeu. Ver SVF, III, 262-264.

exemplo, a *justiça* é a ciência da reta distribuição dos bens individuais. O cognitivismo moral estoico manifesta-se, aqui, com todas suas exigências. Duas delas marcarão profundamente a tradição ética ocidental.

O paradoxo da virtude como um absoluto que não admite gradações, estando presente em cada ato virtuoso na totalidade de sua essência e excluindo qualquer estado intermediário entre a virtude e o vício é a primeira exigência. A virtude, e apenas ela, é necessária e suficiente para a eudaimonia do virtuoso, do sábio³³. A universalidade da virtude, acessível a todo ser humano como ser racional – independente de sexo, raça, cultura, condição social – é a segunda exigência. A afirmação dessa consequência a partir do cognitivismo moral estoico ultrapassa todos os limites particularistas aceitos pelas doutrinas éticas anteriores, com exceção em parte do epicurismo, leva à formulação, nos tempos helenísticos, de uma civilização universal no mundo mediterrâneo. O universalismo estoico será, desde então, um valor fundamental na tradição espiritual do ocidente. Dele procede a noção de *lei natural* como razão imanente da natureza da qual a lei humana recebe a sua racionalidade e a sua normatividade.

As concepções de *kathórtoma* (ação reta), *kathekon* (dever), e de *pathe* (paixões), derivadas do cognitivismo da escola estoica, contribuíram decisivamente para fixar a fisionomia histórica da ideia de sistema na sua vertente ética. A *kathórtoma* é a ação própria do sábio e reflete perfeitamente o *orthós lógos* (razão reta). Inscreve a perfeição do Lógos universal no agir. Portanto, a ação reta não é apenas a execução de um ato inspirado na razão. Ela supõe a intenção ou a *diáthesis* (disposição espiritual), ou seja, o acordo interior com o *lógos*, que define o fim último da vida ética e que somente o sábio pode perfeitamente alcançar. Só a ação reta é ação virtuosa. O *kathekon* ou *officium*, em sua tradução latina por Cícero, diz respeito às ações que são feitas de acordo com a natureza, ou seja, as que são convenientes à natureza e, no caso do ser humano, à sua natureza racional. São ações *intermediárias* entre a virtude e o vício, mas que podem coincidir com as ações perfeitas se forem realizadas pelo sábio. Finalmente, o capítulo das *pathe* figura entre os mais investigados e discutidos na tradição estoica. Oferece aos pensadores da escola a ocasião para aprofundar mais ainda e, mesmo, radicalizar seu racionalismo. Os estoicos, ao proclamarem fidelidade à autêntica tradição socrática, identificaram sem mais as paixões com a ignorância. Recusaram-se a atribuí-las à parte irracional da alma, conforme o ensinamento de Platão e Aristóteles. Esse irracionalismo da paixão decorreria de seu afastamento da razão. Era consequência e não causa.

O estoicismo, ao contrário do epicurismo, não pregava a abstenção da vida política. Um célebre escrito de Zenão, hoje perdido, intitulava-se, justamente, *Politeia*. Uma obra de Crisipo porta, igualmente, este título. Muitos dos mais

³³ Cfr. DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas VII*, 127.

célebres estoicos tornaram-se conselheiros de reis helenísticos e de generais romanos. O filósofo estoico e o soberano político acabam por se identificar na pessoa do imperador Marco Aurélio.

Conclusão Geral

A série de estudos sobre a ideia de sistema no pensamento clássico grego a partir da obra filosófica de Lima Vaz metodologicamente tentou proceder a uma reconstituição genética das raízes do seu pensamento, limitada ao campo das ideias ou da legitimação intelectual do novo no confronto com o antigo por ele instituído ao longo de sua vida filosófica. O emprego da metáfora da raiz nesta conclusão põe em relevo a continuidade com os gregos, por ele sempre buscada. Na verdade, as sementes de ideias e problemas lançadas pelo Homem grego no solo medieval e no solo da modernidade pós-renascentista e da modernidade tardia irão crescer, desenvolver-se e expandir-se sob a ação de múltiplos fatores na sociedade e na cultura, vindo a formar a grande árvore simbólica contemporânea.

Formas da razão sistêmica pulsam no pensamento de Lima Vaz, ora em sua vertente lógico-formal, ora em sua vertente hermenêutica. No primeiro caso como lógica do discurso, no segundo como hermenêutica da efetividade. Esses dois pontos heurísticos constituem as duas vertentes da ideia de sistema no edifício intelectual por ele construído, e no qual a construção sistemática ora procede segundo a norma da demonstratividade, da ordem e da consistência que caracterizam a razão demonstrativa, ora se apresenta como código interpretativo da inteligibilidade da efetividade que se supõe, justamente, como capaz de ser traduzida na ordem das razões do sistema. O pensamento de Lima Vaz repousa sobre a suposição fundamental que a lógica contém em si uma virtualidade hermenêutica, e que a hermenêutica se exerce segundo os cânones da lógica. A trajetória da ideia de sistema em sua obra filosófica se assenta sobre essa correspondência originária entre lógica e hermenêutica.

Como se observou na introdução desta série de artigos, a origem do procedimento intelectual consagrado na tradição grega como *lógos apodeiktikós* (discurso demonstrativo) ou *lógos epistemonikós* (discurso científico) é por Lima Vaz buscada no postulado da homologia ou correspondência entre ordem do discurso e ordem da efetividade. A tarefa de definir formas e regras do discurso que o tornem apto a exprimir essa homologia se lhe apresenta necessariamente como complementar ao próprio discurso da ciência. Acompanha os primeiros esboços do pensamento científico. Constitui-se em metadiscurso sob a denominação de *logikè episthème* (ciência lógica). A condução necessária à ideia de sistema pelo exercício da razão demonstrativa é o fio condutor que permite Lima Vaz acompanhar o desen-

volvimento da razão teórica na história da cultura ocidental. Na ideia de sistema está presente a intenção explicativa que postula a homologia entre ordem das razões e ordem da efetividade. Para ele essa intenção define a finalidade intrínseca do sistema como obra do conhecimento.

Para Lima Vaz, uma característica fundamental da ideia de sistema *in nuce* presente na tradição platônico-aristotélica consiste na ordem sistemática das razões que é, ao mesmo tempo, discurso explicativo da realidade e discurso normativo do agir humano, segundo a homologia pressuposta entre a estrutura da efetividade e a estrutura do sistema, ao qual se agregará a *práxis* humana em busca de racionalidade e sensatez. Outra característica da ideia platônico-aristotélica de sistema é sua abertura interativa com o mundo circundante. Ao reconhecer por primeiro a pluralidade dos diferentes usos da razão, ou formas distintas de racionalidade, que obedecem a métodos distintos segundo a diferença de seus objetos, Aristóteles distinguiu diversos tipos de saber e, portanto, diversas formas do discurso demonstrativo correspondentes aos diversos usos da razão. Deu o passo decisivo no caminho que conduziu à concepção analógica do discurso sistemático. Ou, seja, preparou o terreno para a germinação em Lima Vaz da ideia de um sistema aberto em que se conciliam Liberdade e Necessidade.

Endereço do Autor:

Av. Unisinos, 950

Caixa Postal 275

93022-000 São Leopoldo – RS

aquino@unisinos.br